

**QUANDO A RELIGIÃO SE FAZ ARTE E EDUCAÇÃO:
INTERFACES COM O IMAGINÁRIO E POSSIBILIDADES DE
TRABALHO COM O CINEMA NO ENSINO RELIGIOSO**

**WHEN RELIGION FOR MAKING ART AND EDUCATION:
INTERFACES WITH THE IMAGINARY AND POSSIBILITIES OF
WORKING WITH FILM IN RELIGIOUS EDUCATION**

Iuri Andréas Reblin¹

Remí Klein²

Faculdades EST-RS

Resumo: Texto aborda o imaginário a partir da interface entre religião, arte e educação, apontando possibilidades pedagógicas e metodológicas. Indica caminhos para o uso do cinema nas aulas de Ensino Religioso nas escolas, a partir de orientações e sugestões de uma obra do professor e historiador Marcos Napolitano, publicada sob o título *Como usar o cinema na sala de aula*. Texto apresenta dois tópicos, trazendo uma síntese dos principais elementos (observações e perspectivas práticas) do texto de Napolitano e, em diálogo com esse autor e com as informações dos tópicos anteriores, indica como esses elementos podem ser usados nas aulas de Ensino Religioso.

Palavras-chave: Imaginário. Cinema. Religião. Educação. Ensino Religioso.

Abstract: Text approaches the imaginary from the interface between religion, art and education, pointing pedagogical and methodological possibilities. Provides opportunities for the use of film in religious education classes in schools, based on the guidelines and suggestions for the work of the teacher and historian Marcos Napolitano, published under the title *How to use film in the classroom*. Paper presents two topics, bringing a synthesis of the main elements (observations and practical perspectives) to text Napolitano, and dialogue with the author and with data from previous, indicates how these elements can be used in Religious Education classes.

Keywords: Imaginary. Movies. Religion. Education. religious education

“Não há método para se ter idéias boas.”

Rubem Alves³

¹ O autor é doutor em Teologia e docente na Faculdades EST, em São Leopoldo, RS. Contato: reblin@est.edu.br; reblin_iar@yahoo.com.br. Seu currículo está disponível no seguinte link: <http://lattes.cnpq.br/4008773551065957>.

² O autor é doutor em Teologia e docente na Faculdades EST, em São Leopoldo, RS. Contato: remi@est.edu.br; remiklein@terra.com.br. Seu currículo está disponível no seguinte link: <http://lattes.cnpq.br/6363213953832880>.

³ ALVES, Rubem. *Entre a ciência e a sapiência: o dilema da educação*. 19. ed. São Paulo: Loyola, 2008. p. 109.

O cinema é certamente uma das invenções mais fantásticas da história da humanidade e essa extraordinariedade do cinema não se deve apenas ao entretenimento audiovisual e narrativo que ele proporciona, mas, sobretudo, ao fato de ele reunir em um mesmo plano de expressão a imaginação, a criatividade, os sonhos, as visões de mundo, os desejos, os símbolos, as axiologias, as ideologias, as culturas, as linguagens, as técnicas, as tecnologias, as religiões, as ciências. Tudo o que circunda o universo humano pode ser encontrado no cinema em inúmeras proporções e perspectivas sujeitas à história que se quer contar e à visão e à intenção de seu contador. A perfeita sincronia entre a luz, o som e as imagens em movimento atribui ao cinema uma característica singular de janela da realidade.

A vida humana representada, idealizada e projetada adquire contornos, cores e expressões capazes de convencer seus observadores de sua cotidianidade e sua existência quase real.⁴ A identificação e o reconhecimento daquilo que se vê na tela do cinema ocorrem por meio da linguagem e da participação comum num mesmo sistema de símbolos, signos e significados. No entanto, não se trata apenas de identificação, reconhecimento ou observação. O cinema possibilita não somente a contemplação de uma realidade projetada, idealizada ou desejada. Ele promove uma verdadeira interação entre os espectadores, o filme, os autores.⁵ Pessoas comentam o filme antes e após passarem pela experiência do cinema. Mais ainda, buscam informações adicionais, leem entrevistas e críticas, assistem ao *making off*, vão em

convenções promotoras dos filmes, onde, geralmente, é possível um encontro com os atores e o cineasta. Trata-se de um processo que transcende o mero tempo e o mero espaço da sala de projeção. Em outras palavras, o cinema é capaz de proporcionar não apenas uma identificação do espectador com aquilo que é visto, mas, principalmente, uma empatia ou um envolvimento emocional com aquilo que é vivenciado nas telas, podendo tornar, inclusive, o evento uma experiência de vida. Nas palavras de James Dudley Andrew,

O processo *estético* do cinema compartilha uma profunda realidade psicológica e satisfaz nosso desejo de entender o mundo e uns aos outros de um modo poderoso, mas necessariamente parcial. A estética do cinema baseia-se em sua verdade e necessidade psicológica. E assim o cinema é a maior das artes, pois vai ao encontro dessa necessidade, mostrando-nos o processo de transformação do mundo. As outras artes podem mostrar-nos apenas o resultado final de tal transformação, o mundo artístico humanizado. No cinema, os seres humanos dizem uns aos outros o que a realidade significa para eles, mas o fazem através da própria realidade, a qual cerca o seu mundo como um oceano.⁶

O cinema encanta, fascina e mexe com as emoções humanas. Nós choramos, rimos, torcemos e tememos pelos personagens das histórias que nos são contadas. Logo, não é difícil imaginar a riqueza ou os processos inusitados que poderão ser desencadeados a partir de uma experiência assim vivenciada em sala de aula, isto é, uma experiência com toda uma potencialidade criativa, cognitiva, expressiva e intersubjetiva evocada pelas criações – os filmes – da chamada sétima arte. O uso do cinema em sala de aula é uma possibilidade promissora nos três eixos elementares da educação tal como apontou Rubem Alves, isto é, nos

⁴ REBLIN, Iuri Andréas. Cinema e cultura afro-descendente: apontamentos de uma intelectualidade solidária. *Identidade!* São Leopoldo, v. 11, jan.-jun. 2007. p. 15-24.

⁵ REBLIN, 2007, p. 16s.

⁶ ANDREW, James Dudley. *As principais teorias do cinema: uma introdução*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989. p. 208.

processos de aprendizagem e de desenvolvimento da capacidade de realizar a leitura do mundo, de refletir sobre ele e de criar o novo a partir dele.⁷ Naturalmente, seu uso não se restringe à mera ilustração de um tema dado. Ele vai além desse. Para Marcos Napolitano,

Trabalhar com o cinema em sala de aula é ajudar a escola a reencontrar a cultura ao mesmo tempo cotidiana e elevada, pois o cinema é o campo no qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais amplos são sintetizados numa mesma obra de arte. Assim, dos mais comerciais e descomprometidos aos mais sofisticados e “difíceis”, os filmes têm sempre alguma possibilidade para o trabalho escolar. O importante é o professor que queira trabalhar sistematicamente com o cinema se perguntar: qual o uso possível deste filme? A que faixa etária e escolar ele é mais adequado? Como vou abordar o filme dentro da minha disciplina ou num trabalho interdisciplinar? Qual a cultura cinematográfica dos meus alunos?⁸

A proposta deste texto é abordar as possibilidades pedagógicas e indicar alguns caminhos do uso do cinema nas aulas de Ensino Religioso em escolas públicas ou privadas, a partir das sugestões e orientações do texto exemplar do professor e historiador Marcos Napolitano, publicado sob o título *Como usar o cinema na sala de aula*, o qual deverá ser consultado para informações adicionais. Para cumprir seu propósito, o texto apresenta dois tópicos sequentes e complementares. O primeiro traz uma síntese dos principais elementos (observações e perspectivas práticas) do texto de Napolitano. Em diálogo com esse autor e com as informações dos tópicos anteriores, o segundo indica como esses elementos

podem ser usados nas aulas de Ensino Religioso.

Cinema e Escola⁹

Diferente de uma escultura, de uma música ou de uma pintura, as quais são criações de *indivíduos* na grande maioria das vezes, o cinema é uma construção coletiva e altamente complexa, pois reúne vários artistas (profissionais, especialistas, técnicos, operários, desde engenheiros a marceneiros) e criações e/ou invenções em uma só obra ou produto final. O cinema não apenas participa da categoria das grandes artes, como engloba também as dinâmicas da comunicação e da indústria cultural. Ele não apenas movimentava milhões e milhões de dólares americanos ao redor do mundo, como influencia também comportamentos, hábitos, modas e consumos de toda uma sociedade. O cinema não apenas participa da realidade cotidiana, como apresenta também uma leitura desta. Logo, se bem aproveitado nas salas de aula, o cinema pode promover o pensamento crítico, uma visão ampla do mundo em que vivemos, além de instigar a curiosidade e a imaginação, imprescindíveis para o sucesso do próprio universo escolar.

É preciso que a atividade escolar com o cinema vá além da experiência cotidiana, porém sem negá-la. A diferença é que a escola, tendo o professor como mediador, deve propor leituras mais ambiciosas além do puro lazer, fazendo a ponte entre emoção e razão de forma mais direcionada, incentivando o aluno a se tornar um espectador mais exigente e crítico, propondo

⁷ ALVES, Rubem. *Por uma educação romântica*. 7. ed. Campinas: Papyrus, 2008. p. 194ss.

⁸ NAPOLITANO, Marcos. *Como usar o cinema na sala de aula*. 4. ed. 2. reimpr. São Paulo: Contexto, 2009a. p. 11-12. (Coleção como usar na sala de aula)

⁹ Este texto de caráter propositivo está ancorado no livro do professor e historiador Marcos Napolitano, devido à singularidade de seu trabalho nesta área, ao qual agradecemos por dialogar sobre Ensino Religioso e, a partir de sua experiência, por comentar e dar sugestões e respeito. Para mais detalhes, orientações e exercícios sobre temas que abrangem igualmente outros componentes curriculares e recomendações dos *Parâmetros Curriculares Nacionais*, torna-se imprescindível adquirir a obra, disponível nas melhores livrarias do país.

relações de conteúdo/linguagem do filme com o conteúdo escolar. Este é o desafio.¹⁰

Quanto mais elementos da relação ensino-aprendizagem estimularem o interesse do aluno e quanto mais a alfabetização, no sentido tradicional da expressão, estiver avançada, tanto mais o uso do cinema na sala de aula será otimizado. Esta é uma premissa importante, pois não concordo com certas propostas de uso de recursos e fontes de aprendizagem inovadoras como fórmulas mágicas de salvação da escola. Além disso, devemos ter cuidado com modelos prontos de uso de novas linguagens na sala de aula. O importante é que, valendo-se de sistematização básica e de troca constante de experiências, todo professor e toda escola criem seus próprios mecanismos e procedimentos e, mais importante ainda, reflitam coletivamente sobre eles.¹¹

Segundo Napolitano, o cinema pode ser usado no âmbito escolar a partir de três elementos existentes em qualquer filme: o conteúdo, a linguagem e a técnica.¹² O conteúdo pode ser abordado como texto-gerador ou fonte. Como texto-gerador, o filme – suas narrativas, representações – torna-se o propulsor das pesquisas e dos debates que os estudantes realizarão. Como fonte, o filme torna-se a base sobre a qual as análises e os debates se desenvolverão. “Este tipo de abordagem, partindo das representações do filme escolhido, também permite o exercício de aprimoramento do olhar do aluno e o desenvolvimento do seu senso crítico em relação ao consumo de bens culturais.”¹³ Já a linguagem pode ser tratada igualmente em duas perspectivas: um olhar voltado à forma – isto é, ao estilo narrativo do cinema, no sentido de educar os olhos do espectador – e um olhar voltado à variedade de linguagens diluídas no filme: palavras, gestos, sinais e outras formas de linguagem e comunicação captadas pela lente da câmera. A

técnica, por fim, é o estudo de tudo aquilo que circunda o ambiente do filme e o torna aquilo que ele é. O professor pode estudar com os alunos todos os processos técnicos e tecnológicos que envolvem a pré-produção, a produção e a pós-produção de um filme: figurino, efeitos especiais, cenário, tipos de câmera, edição, distribuição, exibição, etc.

Agora, para que o uso do cinema na sala de aula não se torne uma experiência frustrante para professores e estudantes, é necessário observar algumas medidas preventivas. O professor precisa ter alguns cuidados tanto em relação às questões técnicas quanto em relação às didáticas. Segundo Napolitano, é imprescindível conhecer os limites e as possibilidades em torno do aparato técnico da escola (ambiente e aparelhos audiovisuais) quanto ao filme e aos componentes curriculares. A resolução dos chamados ruídos, isto é, de tudo aquilo que atrapalha a experiência cinematográfica, precisa atentar para alguns cuidados, tais como a verificação da funcionalidade dos aparelhos, da disponibilidade do filme escolhido, da adequação da sala para a exibição de filmes e solução da questão da incompatibilidade de duração da aula e do filme (uso de uma sessão dupla ou negociação com o professor da próxima sessão). Além disso, os filmes e o debate em torno deles devem considerar a articulação entre o conteúdo, as habilidades e os conceitos no processo de ensino-aprendizagem e a questão da idade dos estudantes e a etapa de aprendizagem pela qual eles estão passando.¹⁴ Algumas perguntas norteadoras, cuidados e procedimentos sugeridos por Napolitano podem auxiliar nesta questão.

Algumas **perguntas básicas** ajudam a orientar a escolha e a abordagem dos filmes:

¹⁰ NAPOLITANO, 2009a, p. 15.

¹¹ NAPOLITANO, 2009a, p. 16.

¹² NAPOLITANO, 2009a, p. 28-30.

¹³ NAPOLITANO, 2009a, p. 28.

¹⁴ NAPOLITANO, 2009a, p. 16-19.

- a) Qual o objetivo didático-pedagógico geral da atividade?
- b) Qual o objetivo didático-pedagógico específico do filme?
- c) O filme é adequado à faixa etária e escolar do público-alvo?
- d) O filme pode e deve ser exibido na íntegra ou a atividade se desenvolverá em torno de algumas cenas?
- e) O público-alvo já assistiu a algum filme semelhante?

[...]

[...] dois tipos de **cuidados prévios** são necessários para a seleção e a abordagem dos filmes no ambiente escolar:

a) Adequação à faixa etária (a censura classificatória dos filmes pode ajudar neste sentido) e etapa de aprendizagem escolar (ciclos, séries, níveis).

b) Adequação ao repertório e aos valores socioculturais mais amplos e à cultura audiovisual específica do grupo de alunos envolvido na atividade.

[...]

Alguns **procedimentos básicos** podem contornar esses problemas [de se utilizar filmes que podem ser considerados lentos, difíceis ou “picantes”]:

a) Selecione algumas cenas, para o caso de filmes de assimilação mais difícil ou que contenham cenas impróprias para a faixa etária à qual se destina a atividade.

b) Informe os alunos sobre os filmes e estimule a discussão e a pesquisa prévia sobre o filme a ser exibido (especialmente útil no caso de filmes com narrativa mais lenta, na medida em que provocam a empatia e o envolvimento com a história).

c) Minimize o impacto das cenas “picantes” (cenas de violência, simulação de ato sexual, linguagem mais grosseira) pela abordagem da discussão geral que o filme propõe.¹⁵

Para Napolitano, a utilização do cinema na sala de aula pode ser uma experiência enriquecedora tanto para estudantes quanto para professores. O importante é evitar alguns usos inadequados que ocasionalmente (e, por vezes, até com mais frequência que se pressupõe) podem ocorrer. Um desses usos inadequados é certamente o entretenimento dos estudantes na ausência de um professor ou outro evento inesperado. Outro é escolher um

filme que não possui muita correlação com o tema discutido. Um terceiro e um quarto usos inadequados seriam ainda, por um lado, a empolgação excessiva do professor com o filme – restringindo seu leque de dinâmicas à exibição de filmes – e, por outro lado, a crítica e o questionamento incessantes em relação às incongruências estéticas ou informativas que o filme apresenta – muitas vezes, em decorrência da própria intenção artística da narrativa, como o filme brasileiro *Última Parada 174*, que reúne na mesma história a chacina da Candelária e o caso do sequestro do ônibus na cidade do Rio de Janeiro. Um quinto uso inadequado seria ainda a ausência total de diálogo com o filme.¹⁶

Se, em uma direção, podem ocorrer vários usos inadequados, em outra, existem, num plano amplo, inúmeras possibilidades de utilização do cinema em sala de aula. A partir de um artigo de José Manuel Moran, Marcos Napolitano menciona alguns caminhos: o vídeo como sensibilização (introdução de novos assuntos); o vídeo como ilustração (de um tema abordado em aula); o vídeo como simulação (uma variação tecnológica da ilustração); o vídeo como conteúdo de ensino; o vídeo como produção (de um documentário sobre um tema, ou manipulação de outras fontes); o vídeo como expressão, como espelho, como avaliação e como integração ou suporte de outras mídias.¹⁷ Naturalmente, todas essas possibilidades não poderão ser abordadas aqui. Sua menção serve apenas para indicar a variedade de opções existentes para o emprego do cinema em sala de aula e para provocar os interessados a buscarem por mais subsídios e a pensarem propostas dentro de sua realidade educacional a partir das possibilidades apontadas. No espaço disposto aqui, o que importa é verificar e ilustrar como o uso metodológico do

¹⁵ NAPOLITANO, 2009a, p. 19, 20 e 21, respectivamente. Grifos nossos.

¹⁶ NAPOLITANO, 2009a, p. 34.

¹⁷ NAPOLITANO, 2009a, p. 34-36.

cinema pode ser pensado e pode efetivamente acontecer na aula de Ensino Religioso a partir das orientações expostas e alguns exemplos a serem apresentados.

Para aprofundar e complementar esta abordagem, recomendamos também uma consulta a um documento do MEC enviado a todas as escolas, intitulado *Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade*.¹⁸ Ao propor modalidades organizativas do trabalho pedagógico, inclui programas em vídeo e filmes, por entender que

[...] articulam texto escrito, falado, som e imagens e esse entrecruzamento de linguagens pode ser objeto de reflexão na formação, uma vez que a leitura de várias imagens é essencial na sociedade em que vivemos. Saber ver uma imagem, um filme é tão necessário quanto aprender a ler e a escrever.¹⁹

O referido documento apresenta várias sugestões de filmes comerciais com temáticas que interessam a educadores e programas educativos específicos dos Programas *Proinfantil* e *Letra Viva*²⁰, agrupados em três categorias: a) filmes relacionados ao tema infância e cultura; b) filmes relacionados a crianças e à gestão da educação para a infância; c) vídeos relacionados a contextos de aprendizagem e trabalho docente.

Cinema e Ensino Religioso

Abordar a questão do ensino religioso é sempre muito delicado, pois envolve não apenas formação escolar, mas crenças individuais e valores coletivos. Se você quiser fazer propor uma reflexão sobre a natureza da crença, os conflitos religiosos, a relação entre religião e valores, religião e ética, enfim, temas que

¹⁸ BRASIL. MEC. *Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade*. Brasília: FNDE, Estação Gráfica, 2006.

¹⁹ BRASIL. MEC, 2006, p. 128.

²⁰ BRASIL. MEC, 2006, p. 109-135.

podem fazer conectar o ensino religioso aos outros pontos do currículo e da formação, indo além da difusão da “doutrina”, o cinema te oferece muitas possibilidades.²¹

O fenômeno religioso é um elemento integrante do universo humano e está profundamente enraizado nele. É inerente ao ser humano enquanto ser humano. Ele participa e decorre naturalmente da faculdade humana de conceber o mundo, de pensar sobre este e da necessidade humana de fazer desse um lar.²² Qualquer que seja a estrutura ou a característica de um determinado fenômeno religioso, ele sempre envolverá a questão última do destino do ser humano, da plausibilidade dos valores que ele aspira, da esperança e do desejo de uma ordem utópica capaz de transformar a realidade presente. O fenômeno religioso lida intrínseca e continuamente com a questão do viver hoje. Nas palavras de Rubem Alves, “[...] sempre que estou lutando com esta questão [do viver hoje] – mesmo que não faça uso de um jargão teológico ou de símbolos religiosos – estou profundamente metido na religião e na teologia”.²³ É justamente uma compreensão inscrita numa perspectiva mais fenomenológica, ou ainda de uma história das religiões, que torna possível o Ensino Religioso na sala de aula, em respeito às questões de liberdade religiosa da Constituição Federal.

Se o fenômeno religioso é parte constituinte do mundo humano, imiscuindo-se nele e, simultaneamente, remetendo àquilo que está visível e distante, atuando, pois, como um

²¹ NAPOLITANO, Marcos. *Re: sobre seu livro – pedido por informações*. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <reblin_iaar@yahoo.com.br> em 9 Jun. 2009b.

²² REBLIN, Iuri Andréas. *Outros cheiros, outros sabores...* o pensamento teológico de Rubem Alves. São Leopoldo: Oikos, 2009, cap. 2.

²³ ALVES, Rubem. *O Enigma da Religião*. 5. ed. Campinas: Papirus, 2006. p. 29.

horizonte, um símbolo, no qual, diametralmente, o presente e o ausente são evocados, isto é, a realidade com suas vicissitudes e nuances e a ainda-não-realidade com suas esperanças e novas organizações sociais, o exercício do Ensino Religioso torna-se parte imprescindível do processo de formação humana. Aliás, trata-se de uma parte altamente complexa, diga-se de passagem, pois envolve todo um aparato de questões e buscas por sentido altamente existenciais e emocionais. Em outras palavras, o fenômeno religioso ou a religião em si transcende as histórias das religiões, as instituições religiosas consideradas legítimas socialmente e que, por sua vez, regulamentam e legitimam um catatau de tradições, ritos e doutrinas. O fenômeno religioso é muito maior que isso. Ele é uma “tomada de consciência”²⁴ provocada pela relação contínua do ser humano com o mundo que o cerca e pela sua busca incessante por um lar, onde ele possa se sentir amado e seguro. Nas palavras de Rubem Alves, “a religião é a forma simbólica com que se expressam as relações existenciais entre o ser humano e o seu mundo. Não é naturalmente uma pura fantasia na mente do ser humano, mas expressa a situação real em que se seguirá até o final da história”.²⁵

Esse entendimento acerca do fenômeno religioso é importante não apenas para o exercício do componente curricular nas escolas, como o é também para definir as estratégias metodológicas capazes de despertar nos estudantes a curiosidade e a capacidade de reflexão sobre o fenômeno religioso. Na perspectiva do emprego do cinema nas aulas de Ensino Religioso, o que

está em jogo aqui é uma consideração fundamental: filmes religiosos não são necessariamente ou exclusivamente aqueles que abordam a história das religiões ou as tradições religiosas, mas sim, sobremaneira, aqueles que trazem em seu bojo questões existenciais últimas e, mais ainda, estes estabelecem um diálogo com o espectador, conduzindo-o a um *insight* e revelando-lhe um retrato de si mesmo. “Quando o filme expõe ao público um retrato franco e verdadeiro do ser humano em seus conflitos, dúvidas e descobertas, quando ele revela o rosto humano e oferece ao público a oportunidade deste olhar-se no espelho [...] realiza-se o momento em que o público é integrado na dimensão religiosa”.²⁶ Assim, filmes cotidianos como *Amistad*, *Advogado do Diabo*, *Sociedade dos Poetas Mortos*, *O Show de Truman*, *Cafundó*, *Central do Brasil*, *Cidade dos Anjos*, por exemplo, tornam-se potencialmente filmes religiosos. Pensando especialmente no Ensino Religioso, Marcos Napolitano traz as seguintes observações e sugestões:

1) Mesmo filmes que não abordam diretamente o tema da religião, podem ter como base valores ancorados em uma religião. Por exemplo, o cinema norte-americano, em geral, é marcado por valores éticos do puritanismo. Muitos filmes do cinema italiano, por outro lado, mesmo o neorealismo comunista, dialoga com o catolicismo. Enfim, a questão dos valores religiosos vai além do tema.

2) Sob o ponto de vista temático, existem dois caminhos: filmes que discutem a convivência e a tolerância a partir dos conflitos e diferenças religiosas e filmes que abordam questões sobre misticismo e metafísica religiosa. Os primeiros costumam ser mais interessantes para a escola.

3) A terceira possibilidade, mais complicada e que exige um professor muito habilidoso e um grupo de alunos mais maduros, são filmes que

²⁴ ALVES, Rubem. *Religión: ¿Opio del Pueblo?* In: GUTIÉRREZ, Gustavo; ALVES, Rubem; ASSMANN, Hugo. *Religión, ¿Instrumento de Liberación?* Barcelona: Editorial Fontanella, 1973, p. 77-110. p. 82.

²⁵ ALVES, 1973, p. 84.

²⁶ DANIEL, Roberto Francisco. *Descobriendo o religioso no cinema: pequeno método para a análise teológica do filme*. Bauru: EDUSC, 1999. p. 29. Cf. também. DANIEL, Roberto Francisco. *Cinema, uma experiência mística*. Bauru: EDUSC, 1998.

questionam a existência de alguma transcendência de fundo religioso, mas não abrem mão de discutir a natureza de Deus e seu papel para a existência humana. Por exemplo, os filmes de Ingmar Bergman.

4) E, por fim, mais polêmicos ainda, filmes anticlericais e humanistas, porém assumidamente ateus e irônicos em relação à religião, interessantes, mas que provocariam tanta polêmica que poderia ocorrer o fenômeno do “bloqueio cognitivo”, é quando o aluno agredido nos seus valores mais profundos, recusa-se a dialogar com a aula.

Exemplos de filmes:

1) Ética individual de fundo puritano: “A felicidade não se compra” (Frank Capra, 1936). Ética católica e direitos humanos: “Os Últimos passos de um homem” (com Meryl Streep fazendo o papel de uma freira que tenta provar a inocência de um bandido condenado à morte. Filme fantástico!).

2) Catolicismo e política, catolicismo e ética da resistência diante da opressão: “Roma, Cidade Aberta” (Rossellini, 1945); “Batismo de Sangue” (filme brasileiro recente, sobre a vida de Frei Tito). “Amém”, de Costa Gravas, sobre o holocausto.

3) Tolerância: “As bruxas de Salem” (existe uma versão recente, anos [19]90, com Wyona Ryder, procure na internet). Mais recente ainda: “Dúvida”, com Meryl Streep. Um outro filme fantástico sobre religião e política, mas muito difícil de ser abordado é “Paradise Now”, filme franco-palestino sobre dois “homens-bomba” muçulmanos prestes a realizar um atentado contra Israel; “O vento será tua herança” (filme norte-americano do final dos anos 1960, que discute a questão da liberdade de ensino diante da intolerância religiosa, baseado em fatos reais. Acho que não existe em DVD); “A missão”, filme sobre os Jesuítas no Paraguai, tem um fundo católico muito presente.

4) Presença e ausência de Deus e natureza da divindade (são os filmes mais densos e importantes como expressão artística, mas exigem boa base de conhecimento do professor): “O Sétimo Selo” (Ingmar Bergman, 1957, que discute a morte, a crença, a inocência diante da crença. Obra prima absoluta!); “Teorema” (Pier Paolo Pasolini), uma busca angustiada do sentido da vida e dos sinais da existência de Deus, da relação entre prazer corporal e plenitude espiritual, outra obra prima. Lembremos que Pasolini também tem o belo “O Evangelho Segundo Mateus”, leitura humanista da vida de Cristo. Nesta linha, em outra leitura humanista de Cristo, menos aprofundada que Pasolini, mas bem interessante, também há “A Última tentação de Cristo”, de Martin Scorsese. E, finalmente, o polêmico “Je vous salue,

Marie”, de Jean Luc Godard, proibido pela Igreja Católica. Os dois primeiros são mais digeríveis para um público religioso, embora “Teorema” seja um filme mais complexo em sua narrativa.

5) Anticlericalismo e ateísmo: a obra de Pedro Almodóvar, por exemplo, que expurga o conservadorismo católico espanhol e seus valores de maneira radical, aliado do fascismo franquista.

E, finalmente, não podemos esquecer os filmes leves, que podem ser exibidos para alunos de menor idade: “Francisco e Clara” (sobre a vida de S.Francisco), “Jesus Cristo Superstar”. “Marcelino, pão e vinho”. Aliás, nesta linha existe um filme mexicano muito legal, para discutir religiosidade popular, chamado “Santitos”.²⁷

Utilizar um determinado filme para abordar um conteúdo específico requer do professor de Ensino Religioso cautela na escolha dos filmes e uma análise prévia do material. É importante que o professor assista ao filme pelo menos duas vezes antes de fazê-lo com os alunos: a primeira vez é o contato inicial com a narrativa, a história dos personagens. É o assistir por assistir, principalmente, se for um filme ainda não visto ou visto há muito tempo. A segunda vez é um momento mais analítico. Trata-se de observar e anotar alguns elementos essenciais da narrativa, os quais servirão como guia ou suporte. Esse processo é útil, principalmente, se o professor é um iniciante nesse tipo de metodologia. Como contribuição para uma leitura/análise fílmica, Roberto Francisco Daniel sugere sete passos simples: 1) redigir uma breve síntese do roteiro; 2) caracterizar os personagens; 3) pensar sobre o tema central do filme e 4) sob qual gênero este se enquadra; 5) destacar as cenas mais importantes; 6) observar a música e em quais momentos ela se intensifica e que sentimentos ela evoca e, por fim, 7) pensar sobre os motivos e elementos que provocam o encontro consigo

²⁷ NAPOLITANO, 2009b.

mesmo, o *insight*, isto é, o momento religioso do filme.²⁸ A partir dessa leitura analítica do filme escolhido, é possível imaginar a didática e de que forma o filme pode contribuir na sala de aula.

Em sua obra *Como usar o cinema em sala de aula*, Marcos Napolitano sugere uma metodologia geral para o emprego didático do cinema na escola dividido em duas fases. A primeira fase é o planejamento das atividades e compreende a escolha dos filmes e sua inclusão dentro da proposta de ensino do componente curricular como um todo, isto é, é importante refletir sobre os filmes, o que se deseja com eles (na perspectiva das habilidades e competências a serem desenvolvidas), imaginar uma sequência de filmes para todo o ano escolar e que tenham uma relação entre si. “Sugerimos que o uso do cinema na sala de aula seja sistemático e coerente, e isso implica que os filmes sejam articulados entre si, sobretudo quando o espírito da atividade é a análise do filme como linguagem e fonte de aprendizado, mais do que catalisador de discussões”.²⁹ Também é nesse instante que o professor deve buscar informações básicas sobre o cinema, estilos, não com o intuito de se tornar um crítico profissional, mas sim de aperfeiçoar seu trabalho.³⁰ Além disso, é necessário “conhecer a cultura cinematográfica da classe”³¹, filmes ou gêneros preferidos, hábitos dos estudantes, etc.

A segunda fase é a análise em si do filme e a recomendação inicial é não começar o trabalho de análise exibindo o filme na sala de aula. Deve-se considerar a possibilidade de os estudantes assistirem ao filme em casa, em grupos de trabalho e, mais

importante ainda, é que no uso do cinema na sala de aula não se trate apenas de uma exibição aos estudantes, um simples “assistir ao filme”, mas sim de que esta atividade esteja acompanhada de um roteiro de análise pré-elaborado pelo professor e conduza a um trabalho escrito individual ou em grupo. De acordo com Napolitano, esse roteiro de análise fornecido pelo professor pode ser dividido dois blocos: um informativo e outro interpretativo.³²

A parte informativa do roteiro de análise deve conter ao menos os seguintes elementos: ficha técnica (nome do diretor, nacionalidade, ano de produção, nome dos atores etc.); gênero e tema central; sinopse da história; lista dos personagens principais, suas características e funções dramáticas. No caso de filmes com tema histórico é importante os alunos procurarem (previamente ou imediatamente após a primeira assistência do filme) informações mínimas sobre o contexto/país no qual o filme foi produzido e eventos/personagens históricos representados.

A parte interpretativa do roteiro prévio de análise pode ser elaborada na forma de um conjunto de questões (assertivas ou interrogativas) que dirija o olhar do aluno para os aspectos mais importantes do filme, baseado nos princípios, no conteúdo disciplinar e nos objetivos da atividade proposta. Não é necessário um grande número de questões (para não prejudicar a fruição do aluno-espectador), mas é fundamental que elas sejam bem direcionadas e provocativas, estimulando a assimilação e o raciocínio crítico do aluno em torno do material cinematográfico selecionado.

Esse roteiro acompanhará e orientará, pois, os estudantes na observação e na análise do filme. Além desse roteiro, é possível também acrescentar textos – entrevistas, críticas – que poderão servir de apoio à atividade ou ainda provocar outras discussões e enriquecer o debate.³³ A partir daí, dois momentos ainda poderão ser propostos: grupos de discussão a partir dos relatórios fílmicos e a confecção de uma síntese da discussão ocorrida nos grupos na perspectiva do

²⁸ DANIEL, 1999, p. 42-46.

²⁹ NAPOLITANO, 2009, p. 79.

³⁰ NAPOLITANO, 2009, p. 80.

³¹ NAPOLITANO, 2009, p. 80.

³² NAPOLITANO, 2009, p. 82.

³³ NAPOLITANO, 2009, p. 85.

conteúdo trabalhado no curso. Assim, o filme torna-se um elemento que interage e está presente em todo o processo de ensino-aprendizagem, realizando a ponte entre conteúdo escolar e realidade cotidiana de uma maneira dinâmica e interessante. O próprio senso estético e crítico com que os estudantes olharão as obras da sétima arte será refinado a partir de suas próprias perguntas e seus próprios valores. O cinema deixa de ser mero entretenimento, atingindo (e dialogando com) uma dimensão mais profunda da vida de cada estudante.

Infelizmente, os limites físicos deste texto impedem um exemplo completo de como o uso do cinema pode ser posto em prática a partir das sugestões e comentários expostos. No entanto, acreditamos que as informações dispostas são suficientes para que professores engajados em suas atividades e ansiosos por novas possibilidades metodológicas possam iniciar seus passos no universo cinematográfico e ativar suas potencialidades didáticas. Em todo o caso, permanece a recomendação de buscar maiores detalhes e ilustrações no material de Marcos Napolitano.

Neste sentido, quanto às possibilidades do uso de artefatos culturais nas aulas do Ensino Religioso, Therezinha Motta Lima da Cruz sintetiza esta proposta como “um método em duas mãos”:

- a) perguntando pelo problema humano que pode ser identificado no que a cultura produz (literatura, publicidade, filme, folclore, humorismo, música, comportamento...) e investigando como as religiões respondem;
- b) observando o religioso e perguntando por seus fundamentos humanos.³⁴

³⁴ CRUZ, Therezinha Motta Lima da. Para uma Metodologia do Ensino Religioso Ecumênico. In CARDOSO, Socorro, KLEIN, Remí (Orgs.). *Ensino Religioso Escolar: em busca de uma proposta ecumênica*. São Leopoldo: CELADEC, 1996. (Caderno de Estudo 31)

Assim, cabe reiterar que o religioso é parte fundamental da formação humana, pois pertence ao próprio humano enquanto ser humano. Não somos apenas uma sociedade tecnocrática que compreende apenas tudo aquilo que pode ser contabilizado e enquadrado em gráficos, estatísticas ou operações lógicas; a funcionalidade das máquinas. Somos seres que sentem, amam, valorizam, significam, esperam, anseiam, choram. Nesse sentido, a inclusão da Filosofia, da Sociologia, das Artes e do Ensino Religioso no currículo escolar é peça fundamental para compreendermos melhor este mundo, vivermos nele e fazermos dele o nosso lar. E quanto mais pudermos misturar as áreas do saber, as técnicas, na perspectiva daquilo que está aí para ser descoberto, vivido, como o cinema e outras artes no Ensino Religioso, tanto mais poderemos nos entender melhor no mundo, enxergá-lo e pensá-lo dentro de suas complexidades e múltiplas perspectivas e fazermos dele um lugar melhor para viver. Como preferiu nosso querido poeta sul-mato-grossense Manoel de Barros: “Prefiro as máquinas que servem para não funcionar: quando cheias de areia de formiga e musgo – elas podem um dia milagrar de flores.”³⁵

Referências

- ALVES, Rubem. *O Enigma da Religião*. 5. ed. Campinas: Papyrus, 2006.
- _____. *Por uma educação romântica*. 7. ed. Campinas: Papyrus, 2008.
- _____. *Religión: ¿Opio del Pueblo?* In: GUTIÉRREZ, Gustavo; ALVES, Rubem; ASSMANN, Hugo. *Religión, ¿Instrumento de Liberación?* Barcelona: Editorial Fontanella, 1973, p. 77-110.

³⁵ BARROS, Manoel de. *Livro sobre Nada*. 13. ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 2008. p. 57.

ANDREW, James Dudley. *As principais teorias do cinema: uma introdução*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.

BARROS, Manoel de. *Livro sobre Nada*. 13. ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 2008. BRASIL. MEC. *Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade*. Brasília: FNDE, Estação Gráfica, 2006.

CRUZ, Therezinha Motta Lima da. Para uma Metodologia do Ensino Religioso Ecumênico. In CARDOSO, Socorro, KLEIN, Remí (Orgs.). *Ensino Religioso Escolar: em busca de uma proposta ecumênica*. São Leopoldo: CELADEC, 1996. (Caderno de Estudo 31)

DANIEL, Roberto Francisco. *Cinema, uma experiência mística*. Bauru: EDUSC, 1998.

_____. *Descobrimo o religioso no cinema: pequeno método para a análise teológica do filme*. Bauru: EDUSC, 1999.

NAPOLITANO, Marcos. *Como usar o cinema na sala de aula*. 4. ed. 2. reimpr. São Paulo: Contexto, 2009a. (Coleção como usar na sala de aula)

_____. *Re: sobre seu livro – pedido por informações*. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <reblin_iar@yahoo.com.br> em 9 Jun. 2009b.

REBLIN, Iuri Andréas. Cinema e cultura afro-descendente: apontamentos de uma intelectualidade solidária. *Identidade!* São Leopoldo, v. 11, jan.-jun. 2007. p. 15-24.

_____. *Outros cheiros, outros sabores... o pensamento teológico de Rubem Alves*. São Leopoldo: Oikos, 2009, cap. 2.